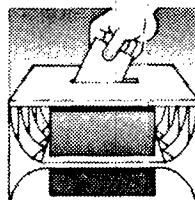


A maioria dos brasileiros escolheu como candidato aquele que representava oposição ao governo de seu Estado ou cidade, confirmando a tese de que a população vota estimulada pelo desejo de mudança. A derrota de Ulysses



Guimarães, por exemplo, deveu-se em grande parte por sua identificação com o governo federal. Em São Paulo, Luiz Inácio Lula da Silva ficou com um minguado quarto lugar e só recebeu metade dos votos que elegeram Luiza Erundina em 1988

Eleição reforça a preferência pela oposição

O resultado das eleições de 15 de novembro traz revelações tão importantes quanto o nome do futuro presidente da República. O brasileiro opta pela mudança e no caminho da democracia o desejo da virada pode estar em qualquer esquina, seja à direita ou à esquerda. Se as aulas de geografia ensinam que o País se divide em cinco regiões, a lição das urnas demonstra que a população vive sob o mesmo clima — o da oposição. “No mundo todo, a tendência é o voto contra o governo”, constata o cientista político José Álvaro Moisés, professor da Universidade de São Paulo. “A polarização não está na ideologia.”

A esmagadora vitória do voto de oposição pode ser verificada por uma simples análise dos vitoriosos em cada Estado e nos principais municípios. “O povo vota contra o governo do dia”, explica Moisés. Nem a forte máquina partidária do PMDB conseguiu trazer os votos para o partido, que perdeu a identidade com as idéias de mudança — e agora perde eleitores. O PT, que sempre ficou na confortável

posição de estilingue, agora amarga derrotas nas principais cidades em que é vidraça. Em São Paulo, por exemplo, Luiz Inácio Lula da Silva teve de se contentar com um minguado quarto lugar e só abocanhou a metade dos votos que elegeram Luiza Erundina no ano passado.

Além do desejo de mudanças imediatas, Moisés identifica um outro traço importante no perfil do brasileiro que foi às urnas em 15 de novembro. “O eleitor vota de maneira madura”, analisa o professor. “Ele é racional e tende a cobrar as promessas.”

Preocupados em reverter a situação do País, os brasileiros relegaram a um segundo plano o regionalismo, fenômeno que ficou restrito a uns poucos Estados. Fórmulas antigas de composição de chapas — como o tradicional “café com leite” ou a dobradinha São Paulo/Nordeste —, cuja finalidade era puxar votos de roldão, foram por água abaixo. Fernando Collor de Mello, do PRN, o grande vencedor do primeiro turno, ganhou projeção nacional a partir de um Estado mais visitado por turistas do que por articuladores políticos.

No Sul, o voto de bombacha

O Rio Grande do Sul foi um dos poucos Estados que votou com um olho no Palácio do Planalto e outro em seus interesses regionais. O voto ultrapassou a fronteira dos partidos e ideologias e se situou no campo “da solidariedade em torno de um candidato gaúcho”, explica o cientista político Eduardo Carrion. Brizola conseguiu uma vitória avassaladora, com cerca de 60% dos votos do Estado e 70% em Porto Alegre.

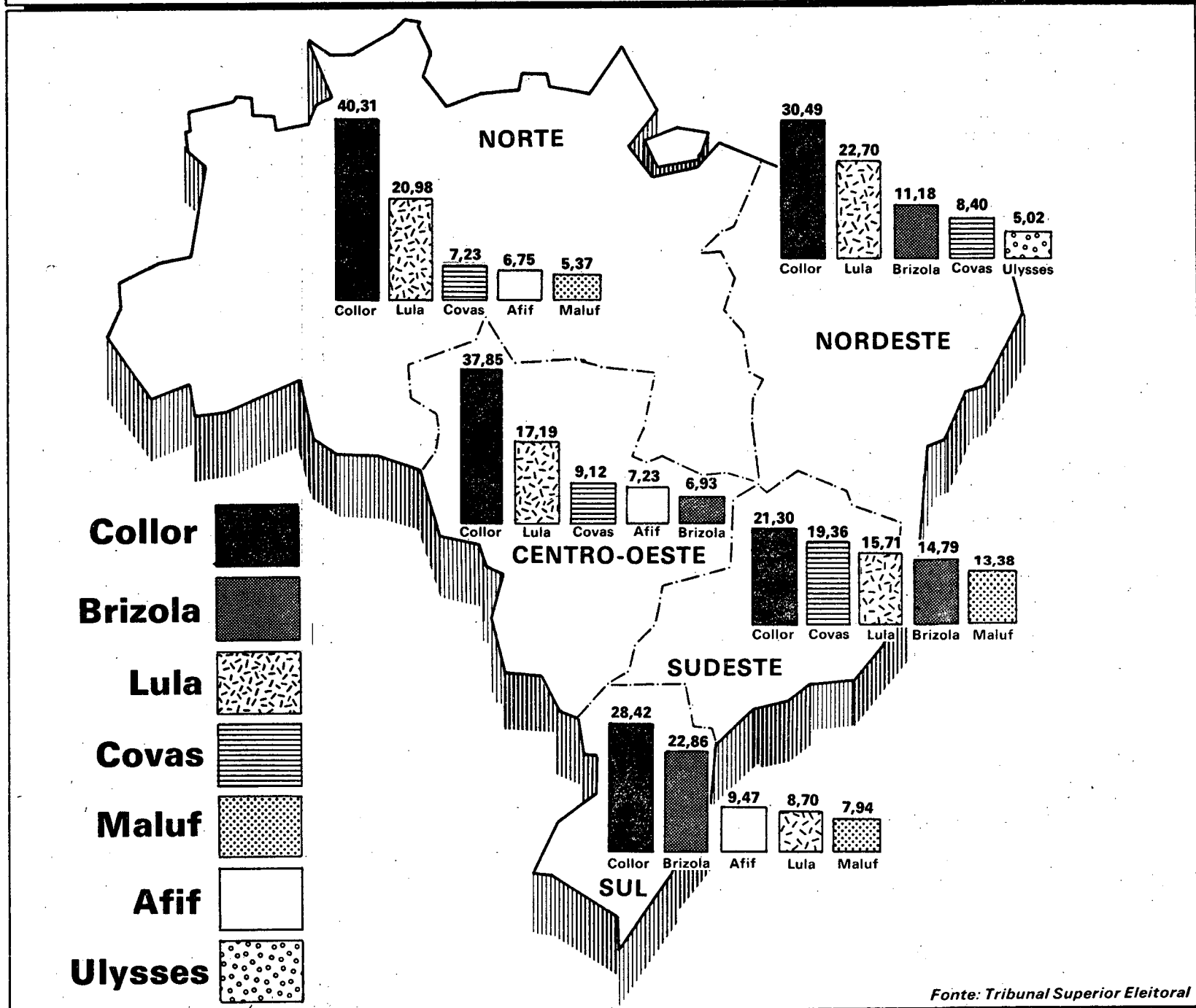
Parceiros dos gaúchos quando o assunto é Brizola, os cariocas também deram a vitória ao candidato do PDT e ex-governador do Rio. “Ao voltar-se para atender as necessidades das populações das fave-

las, Brizola tornou-se um ídolo”, analisa o antropólogo Gilberto Velho, do Museu Nacional. “Ele é idolatrado pelos eleitores de baixa renda mas rejeitado pela classe média, a quem abandonou”.

Os Cieps — escolas de educação básica em período integral — foram o principal instrumento para a criação da empatia entre os eleitores mais pobres e Brizola. Para Hélio Jaguaribe, os Cieps se transformaram em um símbolo que acabou se sobrepondo aos erros da administração brizolista. “Política é manipulação de símbolos”, diagnostica Jaguaribe. “E Brizola se esmerou em gestos simbólicos.”

A geografia do voto

Nas urnas, o “desejo de mudança” da população falou mais alto que o regionalismo, um fenômeno restrito a poucos Estados (em %)



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

Minas virou terra de ninguém

O cientista político Gaudêncio Torquato analisa as derrotas do PT de Lula nas cidades conquistadas nas eleições municipais com um dito popular: “Santo de casa não faz milagre”. Sua explicação é que a convivência com o poder é desgastante para qualquer partido político, e compara a votação do PT com a votação de Ulysses Guimarães, do PMDB, identificado com o governo durante toda a campanha eleitoral.

Como exemplo prático, Torquato cita a cidade de Campinas, administrada atualmente pelo petista Jacob Bittar. Os inúmeros problemas com os transportes coletivos

levaram a população de volta ao ponto de partida: “O voto no PT foi de oposição, e o contra o PT também”, resume o cientista. “Houve uma tremenda frustração.”

A mesma invertida ocorreu em Minas Gerais, na visão do cientista político Jarbas Medeiros. Os resultados divulgados sepultaram a velha tradição de que o eleitorado mineiro é conservador. O baixo índice de aceitação do candidato do PFL, Aureliano Chaves, e o alto índice de rejeição do governador Newton Cardoso transformaram os grotões de Minas na “terra de ninguém”, segundo o analista. O primeiro a perceber foi Fernando Collor de Mello, do PRN.

Lula, o anti-Collor do sertão

A grande votação do petista Luiz Inácio Lula da Silva foi a maior surpresa revelada pelas urnas dos nove Estados nordestinos. O PT praticamente não existe na região — o partido não tem nenhum deputado na Bahia e Alagoas, por exemplo — mas conseguiu uma votação de fazer inveja a muitos “coronéis” da política local.

Lula não ultrapassa Collor na contagem geral dos votos da região mas foi vitorioso em importantes colégios eleitorais, caso de Recife, por exemplo. “Como Collor era o grande favorito, foi necessário o surgimento de um anti-Collor”, analisa o cientista político Antônio Lavareda. “Este foi Lula, benefi-

ciado pelo fato de PFL e PMDB não terem candidatos competitivos.”

A vitória de Collor na região, além de reabilitar muitas das antigas lideranças da política local, como Adauto Bezerra, no Ceará, complica a situação do maranhense José Sarney, que pretende voltar à militância partidária após deixar a Presidência. Também na Bahia o resultado traz problemas para lideranças regionais. Waldir Pires não conseguiu atrair o voto de seus conterrâneos para o candidato peemedebista. Mais uma vez, os eleitores escolheram o novo, e não o tradicional. Venceu Fernando Collor de Mello.